

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Medida forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 3\$600 | Trimestre ou 6 numeros 6650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$000 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 71

1 DE DEZEMBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
E correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento.

— O Monumento de Thomar.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicados n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis. O jornal só 120 réis.

CHRONICA OCCIDENTAL

É uma chronica triste a d'esta quinzena, uma chronica que tem que se parecer muito com uma necrologia.

O Brazil e Portugal collaboraram para ella com dois mortos illustres, o Brazil com o Visconde do Rio Branco, Portugal com Guilherme Cossoul.

Comecemos pelo Brazil.

O Visconde do Rio Branco é uma gloria brasileira, que é tambem um pouco uma gloria portugueza, porque os paes d'esse grande homem, que deixou o seu nome ligado a um dos mais brilhantes factos da historia mo-

derna, a emancipação da escravatura, eram nossos compatriotas.

O OCCIDENTE publicou ha dois annos, quando o Visconde do Rio Branco esteve em Portugal, o retrato d'esse grande estadista que foi um dos maiores obreiros da civilização no Brazil.

O nosso jornal estava então no primeiro anno da sua publicação, e no n.º 17 d'esse volume, o numero correspondente a 1 de setembro de 1878, o leitor pôde encontrar o retrato fiel d'esse heroe da paz e da liberdade, que teve na vida um d'esses momentos excepcionaes de gloria, que a sorte só reserva aquelles que vencem na grande luta homérica, do Bem, do Justo, e do Verdadeiro.

O Visconde do Rio Branco morreu com 61 annos d'idade, e a sua morte, foi a morte d'um grande homem. A historia recolheu piedosamente as suas ultimas palavras, o ultimo paragrapho d'uma vida empregada toda na defesa convicta d'uma grande idéa humanitaria.

«Não perturbem a questão do elemento servil. Estejam certos que confirmarei perante Deus, o que affirmei perante os homens.»

A carreira politica do Visconde do Rio Branco, mesmo antes d'esse grande facto que ligou o seu nome, não só á historia do Brazil mas á historia da humanidade, foi uma carreira brilhante e honrada. Jornalista elegante, fino, gracioso, ao entrar na politica transformouse em tribuno vigoroso e audaz.

Em 1853, o Visconde do Rio Branco, que se chamava José Maria da Silva Paranhos, foi pela primeira vez ministro, no gabinete presidido pelo marquez de Paraná. Entrou para a marinha em 1856, passou para a pasta dos Estrangeiros e ali negociou com grande tacto diplomatico a questão do Paraguay.

Em 1868, foi que o Visconde do Rio Branco, já senador, já com um grande nome de estadista e uma brilhante reputação de orador, apresentou a reforma do estado servil.

Foi homérica e gigante

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GENVARIO LOBATO — Notas Parisienses, a Feira de Saint Cloud, GUILHERME D'ARVEGO — Anossas gravuras — Abastecimento d'agua em Lisboa, Directores e engenheiros da Companhia das Aguas, J. B. — Congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — Um Desenho Inedito de Barbosa Lima, Monumento de Thomar, XAVIER DA CUNHA — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO DE ALMEIDA.

GRAVURAS. — General Garfield, novo presidente eleito dos Estados Unidos — Dr. José Vaz Monteiro — Conselheiro Antonio Manuel da Fonseca — Dr. Carlos Zaferrino Pinto Coelho — Visconde da Bella Vista — Joaquim Pires de Sousa Gomes — José Joaquim de Paiva — Cabral Conceiro — Visconde de Arriaga — Expulsão das congregações religiosas em França, Arrombamento da Porta do convento dos Dominicanos, Prisão do superior do convento dos Capuchinhos, Evacuação da capella do convento dos Capuchinhos pela polleia, O convento dos Prémontrés em S. Miguel de Frigoulet cercado pelas tropas francezas — Os novos uniformes do regimento de infantaria do Ultramar — Enigma. — Supplemento, O Monumento de Thomar.



GENERAL GARFIELD — Novo Presidente eleito dos Estados Unidos

a lucta parlamentar que o visconde do Rio Branco teve que sustentar no senado em defeza da sua reforma. Por fim venceu, venceu no meio dos applausos estridentes do publico que enchia as galerias debaixo de uma chuva torrencial de flores que das tribunas as senhoras atiravam sobre aquelle que tomara a defeza do fraco, do servo, do escravo, aquelle que acabou de renovar no mundo o grande papel redemptor do Nasareno.

O Visconde do Rio Branco deixava de ser uma gloria brasileira e passava a ser uma gloria universal.

Viveu pouco. Aos 61 annos, quando a sua voz podia ainda prestar grandes serviços á politica do Brazil, a morte veio arrancar-o ao seu paiz, que a estas horas, todo elle, calando as paixões partidarias, sente profundamente a grande perda que acabava de soffrer.

Portugal não pôde deixar de se associar ao luto brasileiro como o Brazil se associa sempre ás nossas grandes dores.

—A morte de Guilherme Cossoul tomou em Lisboa as proporções d'um verdadeiro acontecimento, e o seu enterro foi uma das homenagens, mais grandiosas, mais espontaneas que a capital tem prestado aos seus mortos queridos.

Soubese que Guilherme Cossoul tinha morrido, soubese que o enterro era no dia 28, e n'esse dia multidão enorme esperou á porta da casa d'elle, e pelas immedições que o caixão sahisse, levado á mão n'um carro de incendios, pelos bombeiros, — corporação de que Cossoul fóra muito tempo a alma — e acompanhou-o em massa, a pé, até ao cemiterio Occidental.

E por todas essas ruas que o prestito atravessou, desde a rua Nova dos Martyres até aos Prazeres, havia alas enormes, compostas de povo, que respeitoso e admirado, assistia a essa grande manifestação, a maior que o talento e a sympathia tem arrancado á nossa gente.

Os artistas da irmandade de Santa Cecilia, de quem Cossoul foi sempre um amigo dedicado e mestre glorioso, armaram no largo de S. Carlos um coreto, e quando o cadaver do illustre artista passava, executaram a formosa marcha funebre que Ponchielli escreveu para o enterro de Manzoni.

A grande cantora, Herminia Borghi-Mamo, e muitos cantores italianos encorporaram-se no prestito, que pouco a pouco foi engrossando extraordinariamente com as corporações artisticas e humanitarias que de todas as partes vinham juntar-se a essa grande homenagem que a cidade prestava a um dos seus mais benemeritos e illustres fillos.

O dia estava delicioso, e o aspecto das immedições do cemiterio coalhados de povo era excessivamente pittoresco.

O cadaver ficou depositado no jazigo dos srs. Duques de Palmella onde já dormiam o grande somno o pae e a mãe de Guilherme Cossoul.

Ao lado do caixão ia um carro cheio de corôas de perpetuas, ultimas lembranças, e primeiras saudades de amigos, de admiradores e de agradecidos.

Guilherme Cossoul como artista e como homem, mereceu bem essa extraordinaria prova de sympathia e de consideração que lhe prestou Lisboa.

—Tinhamos muita vontade de desanuviar esta chronica com algum assumpto alegre. Não é facil. A não ser Taborda e Antonio Pedro que nos fazem rir a bom rir no Gymnasio, não sabemos o que mais haja de alegre por ali.

O D. Carlos, não decerto, que foi um espectáculo triste apenas alegrado pela mimica do sr. Moraes, um homem que desde que entrou em Palermo, n'aquelle velho Salitre que Deus tem, vestido de Garibaldi, nunca teve um successo como lhe mereceu o bailado da grande opera de Verdi. Não houve mais grandes alegrias na opera, nem no publico, nem na critica, nem na empresa, nem nos artistas, a não ser no sr. Nanetti que teve um bello triumpho na parte de Philippe II.

E não temos alegrias á mão para compensar as tristezas que ahí ficam, e ainda mais, nem temos tempo para as procurar e sobre tudo espaço para as metter.

GERVASIO LOBATO.

NOTAS PARISIENSES

I

A FEIRA DE SAINT CLOUD

Descendo o Senna, quando se chega a Meudon e se contempla a paisagem suavissima desenrolada á nossa vista, nós os peninsulares acostumados ao colorido quente e vigoroso dos nossos campos ficamos um pouco indecisos sem saber bem o que temos diante dos olhos, se é Cototou se é a natureza; se é Dautigny ou se é a realidade, e comprehendemos então as pequeninas telas dos dois mestres que já uma vez por ventura avistámos n'uma região aonde ellas não nos davam bem a sensação exacta do mundo que nos cercava.

Meudon tão cantada pela cançoneta parisiense ali está. *Um ninho de verdura boiando sobre as aguas* como se diz na doce linguagem da nossa terra. Deus deu-lhe os profundos arvoredos aonde se escondem os ninhos e a Industria os graciosos chalets aonde se mostram os restaurantes. *O amor e uma cabana* a dois passos da civilisação; cincoenta centimos d'ida e volta. Como Meudon é bonito!

Um pouco abaixo St. Cloud, um velho sitio que aos domingos e dias santificados porporciona ao estrangeiro, ávido de grandes sensações, um jogo d'aguas modesto; mas satisfatorio como cascata ao pé da porta. Ainda assim a Fonte Fria do Bussaco sentiria um grande vexame se a visse, não por achar em si pouca poesia; mas simplesmente por achar na outra muita agua.

St. Cloud já teve um castello, um bello castello roqueiro disfarçando um palacio aonde a imperatriz Eugenia se comprazia nas doces tardes do estio, respirando a brisa fresca que perfumava as suas lufadas sobre os arvoredos do parque.

Quando em virtude da invasão, a que aquella senhora ao principio chamou a *sua pequenina guerra*, os prussianos puzeram cerco a Paris, os canhões do monte Valeriano, como medida estrategica e para não deixar ao inimigo o regalo d'uma habitação demasiadamente confortavel, voltaram as suas bocas sobre St. Cloud e em tres horas fizeram do palacio uma das boas fogueiras que illuminou os desastres francezes.

Hoje dos esplendores de St. Cloud restam apenas duas ruinas, — o castello e a imperatriz.

Mas estão lá ainda as boas arvores, as grandes arvores solidas e vigorosas, que constituem um dos encantos bucolicos de Paris meio sceptico e meio sentimental que, depois de tripudiar na rigidez fria do asphalto, gosta — quando a natureza desabrocha n'uma vida exuberante — de comunicar com essa boa mãe que não encontra no Bignon nem nas Variedades, reholando-se então pela relva, remando no Senna, jogando a bola, bebendo cidra, comendo caldeiradas e cantando as canções *grivoises* do ultimo inverno.

É debaixo da copa frondosa e abundante d'este arvoredo que nos mezes do outono a feira de St. Cloud levanta as suas tendas.

E a immensa multidão que se chama o *tout Paris*, não deixa jámais de ir uma tarde a St. Cloud como vae ao Bosque, como vae ás primeiras representações, como vae uma vez cada anno aos cemiterios, como vae de quando em quando a Monaco e como vae, uma vez por outra, para a Morgue.

A physionomia d'esta feira não é entretanto mais original do que a physionomia de qualquer das nossas feiras, simplesmente as suas porporções são mais vastas, os seus frequentadores mais expansivos e os seus industriaes mais audazes.

O Campo Grande, por exemplo é o balbu-

ciamento d'uma industria de que St. Cloud é o rugido.

Desembarcando d'um dos inumeros *bateaux-mouches* que fazem a carreira do Senna e subindo a rampa do parque eis-nos em plena festa. Em face de nós, amarrado a uma arvore pela cintura e pelo pescoço, com as pernas e os braços subjugados por intervenção d'uma solida corda, á maneira d'um antigo martyr christão — alguma coisa sujo, está um funambulo que nos fita com ar doloroso. Ao lado uma creança bate compassadamente n'um antigo tambor, enquanto um palhaço velho com borzeguins de chita e um saio azul bordado de lanteoulas, faz saber ás damas e cavalheiros, que se acham presentes, oriundos da Bolsa, ou do *quartier* Breda, da Magdalena ou de Batignoles, que o artista vae ter a honra de se desamarrear em face da assembléa, sendo simplesmente necessario para isso que esta, generosa, concorra com mais alguns centimos. A assembléa commove-se e o velho funambulo repete o discurso aos recém-vindos. O espectador farto d'esperar percorre a feira e quando á tardinha regressa a Paris ainda escuta a voz fanhosa do velho palhaço que faz saber aos parisienses que o artista vae ter a subida honra de se soltar na sua presença. Os *sous* vão cahindo e o funambulo amarrado á arvore vae sempre ficando.

Mais adiante um loto monstruoso, n'uma barraca d'aspecto theatral, desafia o appetite das *grises* e das praças de pret. O empresario está de pé em cima do balcão, apontando nos concorrentes a magnificencia dos premios offercidos a troco d'uma pequenina moeda, e quando observa symtomias d'indifferença puxa d'uma garrafa, enche um copo de vinho e bebe á boa sorte de todos os compradores em geral. Não ha alma ingenua que resista a este excesso de cortezia, nem empresario que resista a tanto copo, e tanto mais vae cambaleando quanto mais vae vendendo.

A cada passo ha uma balança que nos convida a verificar o nosso peso e em face de cada uma d'essas balanças, sempre um grupo d'espectadores, que ora se interessa em saber quanto um grave negociante gordo do Faubourg Poissoniere dá em kilos, ou quanto pest verdadeiramente o volume d'uma *cocote* que entrou na feira sobrepesando no braço d'um viajante.

Entre as sonnambulas M.^{me} Hortense, por exemplo, tem escripto á porta da sua tenda, que lê as suas por um systema inteiramente novo, inventado por seu marido; mas em face d'ella ha uma rival, que apregoa pela bocca do seu empresario que, por um simples meio franco qualquer maneebo pôde ver a mulher que ama e qualquer donzella o maneebo que ha de esposar.

Entre estes empresarios de prodigios sobrae um evocador d'espiritos, que distribue á porta um programma em que se annuncia a primeira celebridade do seculo, *elogiada por todos os jornaes*, e possuidor d'authographos dos mais celebres *especialistas*, desde o *fal ecido* Moyses, até ao conhecido dr. Gall.

N'uma barraca adiante vendem-se obras de arte feitas de *pain d'épice*. Vem-se ali soldados solregos a comerem o *grupo da dança* de Carpeaux, e collegias famintas a devorarem a Venus de Milo. Depois é um grande buloico, solidamente estabelecido como uma instituição, aonde descrevem semi-circulos no ar, alegres grupos de raparigas, que deixam livremente fluctuar á viração da tarde a fimbria de seus vestidos. Depois um *carrousel* monumental, immenso como uma sé metropolitana, com tres andares, movido a vapor, com um immenso orgão da Barbaria no centro a acompanhar-lhe os movimentos no som d'uma musica barbara. N'este *carrousel* vae uma população! No andar inferior, em cavallinhos de madeira, os audazes; maneebos do exercito territorial e raparigas do exercito activo. No andar do centro, reclinados nos coxins d'esses pequeninos carrinhos, os prudentes; amas com os seus *bébes*, graves mercadores cour ás suas familias, e não supponha o leitor isto uma demasia de colorido. — *noes* com todo o seu

neo-nuphação. O noivo, a noiva, os sogros, os padrinhos e os convidados.

Quem não tem uma vez nos arredores de Paris, presenciado a liberdade, o *impudor* quasi, com que um noivado do povo passeia a sua felicidade aos olhos de toda a gente, *elle* de sobrecasaca nova de panno preto lustroso, *ella* de vestido de bareja clara e corôa de flores de laranja na cabeça, devorando peixinhos fritos do Senna, ás margens do rio como grato penhor da sua união venturosa? ..

E elles lá vão pois no *carrusel*, n'uma reviravolta vertiginosa, acabados d'unir pelo *maire*, abençoados pela igreja, ensaiando d'esta forma modesta a primeira viagem da *nova vida*.

Retratos de família, recortados á tesoura por um artista das ruas, custam em St. Cloud vinte e cinco centimos. Em face do retratista pousa com a mais grave serenidade do mundo, entre o silencio religioso da multidão, um burguez circumspecto que, finda a operação, examina a obra e tem a complacencia de a *submitter* á approvação dos espectadores.

E depois d'uma hora d'esta travessia bizarra por entre barracas de tiro ao alvo aonde se veem *gris-tes* que partem á primeira bala um ovo que se equilibra sobre um repuxo, depois de presenciar o balanço vertiginoso d'um caminho de ferro negro que se precipita no espaço com um carregamento de corajosos do dia, o espectador com os ouvidos surdos pelo estridor das trombetas infantis e do bater dos zabumbas dos palhaços, levando ainda nos ouvidos a melopea do realejo que durante umas poucas de horas consecutivas moeu a *canção do coronel* popularisada pela Judic, o espectador foge d'aquelle divertidissimo inferno, e se por ventura tem coração, se venera o pôr do sol, se adora a melancolia do crepusculo, se tem uma alma propensa á uncção religiosa, se ama as leves tintas esbatidas do poente, n'uma palavra se tem fome d'um jantar pittoresco ao ar livre, aborda ás plagas d'Auteuil, toma o caminho d'um restaurante, senta-se em face d'uma pequena mesa, espera que um rapaz lhe estenda adiante uma fresca toalha d'Hollanda, e, embebido na poesia que o cerca, pergunta o que ha para comer.

É de rigor n'estes momentos solemnes e recolhidos, em respeito á côr local, o *matote*. Um ajudante do cozinheiro, á nossa vista, desce a pequena ladeira á margem do rio, puxa uma rede, colhe d'ella uma porção de peixes e marcha em direcção á cozinha aonde se deve preparar o prato delicioso.

Pleno bucolismo, doces emoções campestres em plena civilização! A cem metros de nós, arremecada nos ares com um impeto vertiginoso, está a ponte d'Auteuil sobre a qual fendem o espaço vinte comboios por hora. E o Senna murmura a nossos pés, e uma aragem traz-nos um rumor longínquo da desfilada dos Campos Elysios, e um clarão vermelho ao longe aponta-nos a respiração offegante de Paris, cheia de luzes, de multidão e de ruído! ..

Trazem-nos o *matote*. Vejamos, ó grande Babilônia! em materia de caldeirada que tal tu és.

Detestavel! .. Ó meu Deus, é n'este trance supremo que é bom lembrar que no extremo occidente ha n'este momento um pequenino e aprazível cantinho de terra aonde se cuida menos da Arte, mas aonde o peixe se cozinha melhor!

Paris, outubro de 1880.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL GARFIELD

Novo presidente eleito dos Estados Unidos

Só na America se dão estes casos que julgamos extraordinarios, mas que são ali communs, como o foram na antiga Roma, de homens saídos das mais baixas condições serem elevados ao fastigio do poder.

Mas é que ali não ha baixas condições, todos os que trabalham são nobres; desnobre e baixo é só o criminoso.

Temos mais um exemplo d'estas factas da vida americana no general Garfield, presidente eleito da republica dos Estados Unidos.

James Abram Garfield nasceu em Novembro de 1831 n'uma aldeia chamada Orange, então de poucos habitantes, na parte nordeste do condado de Cuyahonga, no Ohio. Filho de paes humildes, que apenas lhe poderam dar os primeiros rudimentos do ensino, começou muito novo trabalhando como jornaleiro. Passado algum tempo fez-se cocheiro, passando depois a barqueiro no canal de Pensilvania e Ohio. Em 1849, levado por um desejo de saber, seguiu os estudos em uma academia com tal successo que no inverno seguinte já ensinava n'uma escola publica.

Alguns annos depois, em consequencia dos grandes progressos que havia feito, era nomeado professor de linguas no Instituto Eclectico de Hiram, Ohio, do qual no anno seguinte tomou a presidencia ou direcção, cargo que conservou até 1861.

N'este meio tempo havia sido eleito membro do senado, do Estado da sua naturalidade, e em 1860 fôra admittido no Foro.

Partidario ardente da união americana, logo que começou a guerra da separação, alistou-se no outono de 1861 no 42.º regimento dos voluntarios do Ohio, de que foi nomeado coronel. Enviado logo para o Kentucky oriental teve a fortuna de conjuntamente com o 16.º regimento do Ohio, derrotar Humphrey Marshall. Feito pouco depois major general em virtude do seu denodo e importantes serviços prestados na batalha de Chickamauga, n'este posto terminou em breve, com a guerra, a sua carreira militar.

Em outubro de 1862 foi eleito membro do congresso, pelo nono districto do Ohio, que continuou a representar até que nas ultimas eleições voltou como senador ao Estado, que lhe foi patria.

Polas eleições verificadas a 2 de novembro ultimo foi eleito para a presidencia dos Estados Unidos como candidato do partido republicano, devendo tomar posse das elevadas funções do seu cargo em março proximo futuro.

EXPULSÃO DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM FRANÇA

No dia 5 de novembro ultimo a policia de Paris procedeu á execução dos decretos de março, que ordenavam a extincção das congregações religiosas não autorizadas. Eram 11 casas congregações, a dos Capuchinhos da rua de la Santé, a dos Dominicanos da rua Jean-de-Beauvais e a da rua do Faubourg Saint Honoré, dos Maristas da rua da Vaugirard, dos Padres do Sagrado Coração da rua de Piepus, dos redemptoristas do boulevard Montfouquet, dos Franciscanos da rua dos Fourneaux, dos Agostinhos da Assumpção da rua Francisco 1.º, dos Padres de N. S. de Sião, dos Franciscanos mínimos da rua de Romainville, e dos Oblatos de Maria da rua de S. Petersburg.

As expulsões começaram á mesma hora — seis da manhã — em todos os onze estabelecimentos religiosos.

As nossas gravuras representam varios episodios da expulsão.

Em todas as congregações foi necessario empregar violencia. Uma das nossas gravuras representa o arrambamento da porta do convento dos Dominicanos, onde havia 23 religiosos. Quando a policia bateu á porta, os sinos tocaram a rebato, e os frades e os paisanos seus affieçados, correram a seus postos, e fizeram barrieadas á entrada. A policia, os soldados, e os hombeiros, arrambaram a porta e fizeram evacuar o convento.

O outro episodio passa-se no convento dos Capuchinhos. Quando o commissario chegou estava a dizer-se missa. Esperou que ella acabasse e intimou ordem de sair a todas as pessoas que assistiam á missa, e que se recusaram a obedecer. As mulheres entoando a *Ave Maria* enquanto os Capuchinhos cantavam o *Ventum ergo*, agarravam-se ás grades do côro para resistir aos agentes que por fim conseguiram pô-las fóra.

Evacuada a capella, o commissario bateu á porta do convento.

— Quem é? perguntou-lhe o superior que estava no parlatorio com muitos paisanos.

— Sou o commissario de policia.

— E eu sou eleitor do terceiro atredondamento, chama-me Jacques Berger, sou proprietario d'esta casa. E o sr. como se chama.

— Clement, commissario das legações judicarias da cidade de Paris. Em nome da lei, abra.

— Vem annido d'um mandado em regra do juiz d'instrucção ou do procurador da Republica?

— Venho executar os decretos de 29 de março, e intimo-o a abrir em nome da lei.

— Em nome da liberdade dos cidadãos francezes, na minha dupla qualidade de eleitor e de superior d'esta comunidade, recuso-me absolutamente, em minha alma e consciencia, a deixal-o penetrar em minha casa.

— Venho tambem para fechar a sua capella.

— Estou prompto a deixal-o fechar as portas exteriores da capella d'este convento, mas enquanto ás que communicam com o claustro, de que sou chefe, e responsavel para com os meus superiores, é meu dever recusar-me absolutamente. Além d'isso estou no meu direito, estou em minha casa, e exerceo livremente os meus direitos de cidadão livre.

— Quer ou não quer abrir?

— Toruo a perguntar-lhe, traz mandado?

— Trago ordem do sr. perfeito da policia. Quer deixal-o a executar.

— Não.

— Quer abrir-me a porta?

— Não.

A porta foi então forçada e o commissario entrou no convento, e encontron muitos paisanos que cercavam o superior, que o excomuniou; o superior, os frades e as pessoas que estavam com elle protestaram tão violentamente contra a policia, que o commissario mandou prender todos. Uma das nossas gravuras representa esta scena no momento em que o commissario dá aos seus agentes a ordem de prender o superior.

Dois dias depois d'estes acontecimentos o convento dos Prémontrés de S. Miguel de Frigolet, foi tomado d'assalto, ao cabo de um cerco de quatro dias. Um cerco, perfeitamente um cerco. Um pequeno exercito foi enviado contra esse convento, uma verdadeira fortaleza, situado no alto d'uma montanha, perto de Tarascon, no departamento dos Bocas do Reno.—O convento foi bloqueado. Tres linhas de tropas prohibiam a saída e entrada na praça. O convento estava cheio de frades e de fleis que passavam o tempo a resar, e a escrever boletins do cerco que depois expedião em baldes por ellas fabricados. Entretanto o frio era intenso, e os soldados fartos de esperar, e tendo decerto o ridiculo d'este já demorado sitio, assaltaram o convento, e penetraram n'ellê á viva força, escalando-o, não havendo contudo effusão de sangue.

REGIMENTO DE INFANTERIA DO ULTRAMAR

Novos Uniformes

O grupo que a nossa gravura apresenta mostra bem a razoavel modificação introduzida nos uniformes do regimento do Ultramar. A detestavel barretina, que insensatamente ainda usa o nosso exercito, foi substituida pelo capacete hygienico, já usado por outros exercitos. É de cortiça, com chapa, ponteira e grillão de metal no grande uniforme, e coberto de capa de brim branco no pequeno uniforme. Distingue-se o dos officiaes, do dos soldados em ser de esmifira branca e as chapas de metal dourado. A calça é larga, de panno de mescla ou de brim branco; as polainas, para os soldados, de brim branco com trinta centimetros de altura. Os casacos largos, de golla virada, como os actuaes raglans descem todo o comprimento do braço até á segunda phalange dos dedos, no que se distinguem dos do exercito que têm o mesmo comprimento de aba, seja o homem alto ou baixo. No pequeno uniforme usam os soldados um jaleco de serafina azul do mesmo feitio do casaco, mas descendo apenas 6 centimetros abaixo da cintura; fallando a verdade são feios os taes jalecos. A nossa gravura apresenta dois officiaes e um soldado de grande uniforme, e um soldado de pequeno uniforme. A descripção completa pôde ver-se no n.º 10 do *Boletim Militar do Ultramar* de 4 de outubro ultimo.

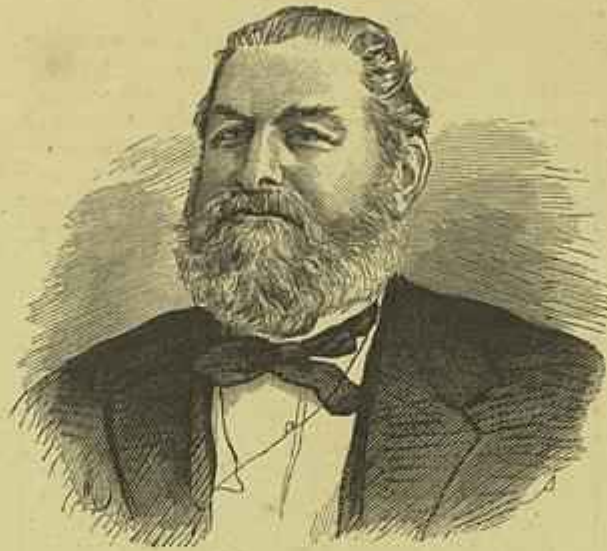
ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA

OS DIRECTORES E ENGENHEIROS DA COMPANHIA DAS AGUAS

Tendo-nos occupado até aqui da descripção dos trabalhos da Companhia das Aguas e canalisação do rio Alviella para Lisboa, cumpre-nos terminar o nosso trabalho fazendo conhecer do publico os Directores e Engenheiros da Companhia que levarão a cabo tão momentoso e util melhoramento, sem nos dispensarmos de, para o futuro, apresentarmos ao publico mais algumas partes importantes d'aquella grande obra.

ABASTECIMENTO D'AGUAS EM LISBOA — OS DIRECTORES E ENGENHEIROS DA COMPANHIA DAS AGUAS

José JOAQUIM DE PAIVA CABRAL COUCEIRO, é natural de Leiria, onde nasceu a 9 de outubro de 1830, depois de habilitado com os cursos preparatorios matriculou-se na escola polytechnica de Lisboa, cujo curso concluiu em 1850, havendo assentado praça a 5 de maio d'esse anno. Seguiu os estudos de engenharia na escola do exército completando o respectivo curso em julho de 1853. Entrou na arma de engenharia e hoje n'ella major. Em abril de 1855 entrou para o serviço das obras publicas, sendo em seguida empregado nos estudos do caminho de ferro de Santarem á fronteira de Hespanha, onde tivemos a honra de ser seu companheiro, de cujo tempo conservamos gratas recordações. Acabado este trabalho, em 1857 foi empregado successivamente no projecto do caminho de ferro do Porto e Vigo, depois na direcção dos tres di-



DR. JOSÉ VAZ MONTEIRO

de uma ponte caes para a alfandega (1864) e com o engenheiro Gotto no projecto da canalisação do esgoto da capital (1876). Hoje além de ser um dos engenheiros da companhia das aguas a quem se devem os importantes melhoramentos que todos gosamos, faz parte de uma commissão nomeada pela camara municipal, para dar parecer sobre o melhor systema de esgoto da capital. Não encareceremos o seu merito, reconhecido a todos, porque não queremos que nos tachem de suspeitos. A nação reconheceu-lhe o grau de commendador de S. Thiego que acrescentou á medalha militar do comportamento exemplar e ao grau de cavalleiro de Avis que já tinha.

JOAQUIM PIRES DE SOUZA GOMES.— Nasceu em Tavira a 23 de abril de 1836, seguindo os estudos necessarios fre-



CONSELHEIRO ANTONIO MANUEL DA FONSECA



DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO



VISCONDE DA BELLA VISTA

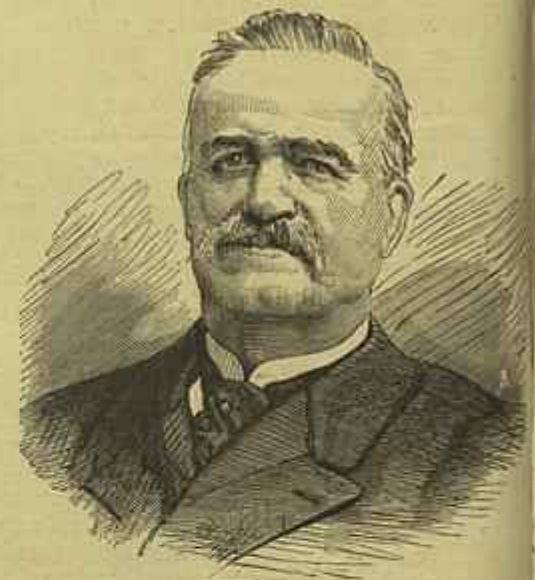


JOAQUIM PIRES DE SOUZA GOMES

trictos do Porto, Braga e Vianna e obras da barra do Porto e na construcção do caminho de ferro de leste até 1859. Deixando então o serviço das obras publicas foi empregado como repetidor de mathematica na escola polytechnica no anno lectivo de 1859 a 60. Voltando em junho d'este anno ás obras publicas collaborou ainda no projecto da 3.ª secção do caminho de ferro de leste, passando depois a servir de adjunto do fiscal da construcção dos caminhos de ferro. Em 1864 passou a servir na direcção das obras para o abastecimento das aguas de Lisboa, tendo sido encarregado pelo governo da distribuição das aguas da capital e fiscalisação da ponte sobre o Tejo em Abrantes. Constituída a companhia em 1868 entrou para o serviço d'ella. Durante este serviço collaborou ainda com o engenheiro Aguiar no projecto



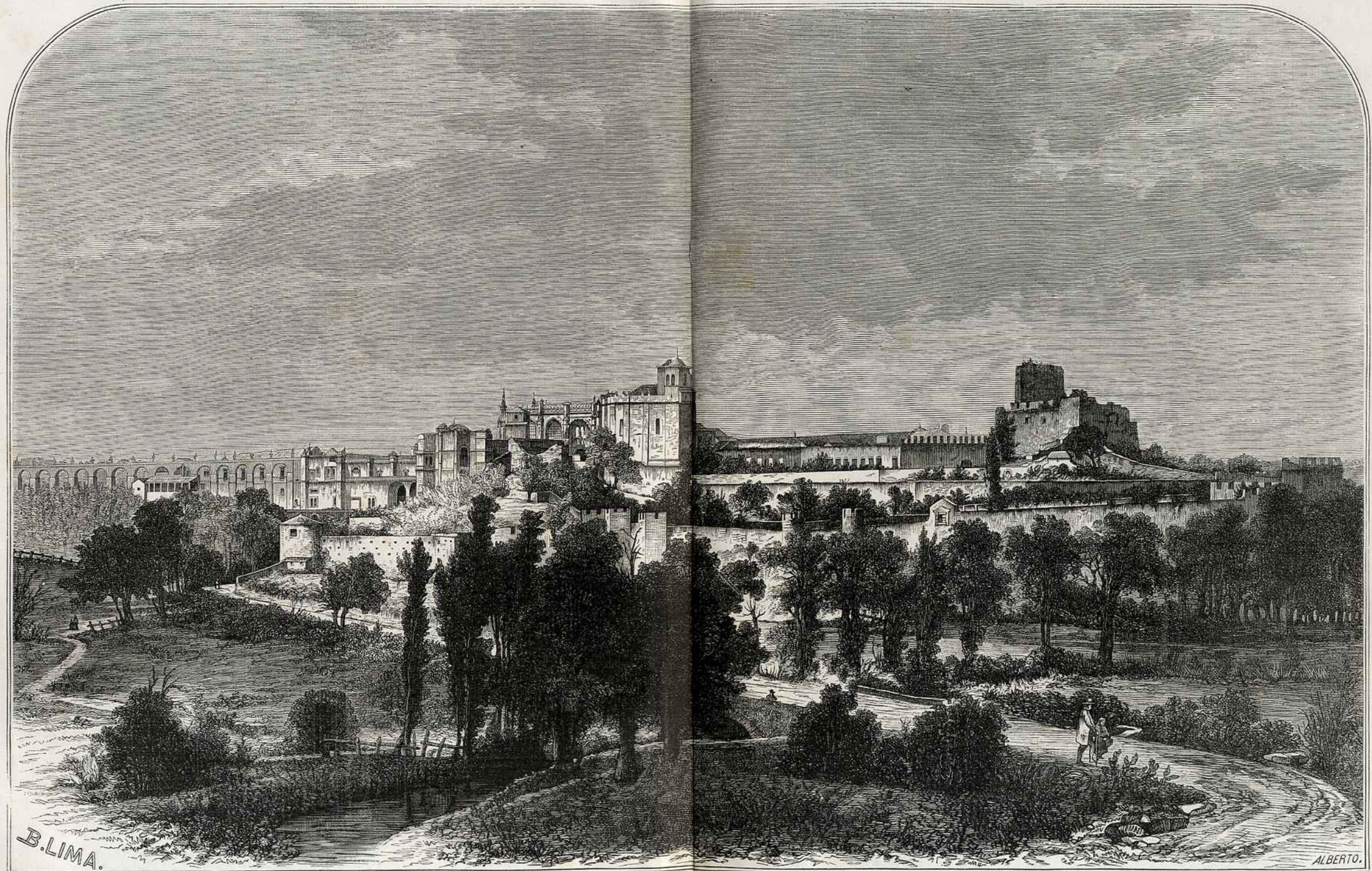
JOSÉ JOAQUIM DE PAIVA CABRAL COUCEIRO



VISCONDE DE ARRIAGA

quentou a mathematica na Universidade de Coimbra quando o grau de bacharel formado em 1856. Vindo frequentar a Escola do Exército concluiu o curso do Estado Maior em 1858. Havia assentado praça em Infantaria a 31 de outubro de 1855; e n'esta Arma tomou seguimento a sua carreira militar, sendo hoje capitão. Serviu como repetidor de mathematica na Escola Polytechnica no anno lectivo de 1859 a 60, anno em que mediano concurso, foi escolhido para ir frequentar a escola de Pontes e calçadas de Paris, cujo curso concluiu em 1862. Entrou no serviço das Obras Publicas em 1864, sendo collocado na Direcção das obras para abastecimento das aguas de Lisboa, foi encarregado do traçado do canal do Alviella, collaborando no projecto das obras para o aproveitamento das aguas do bairro oriental de Lisboa.

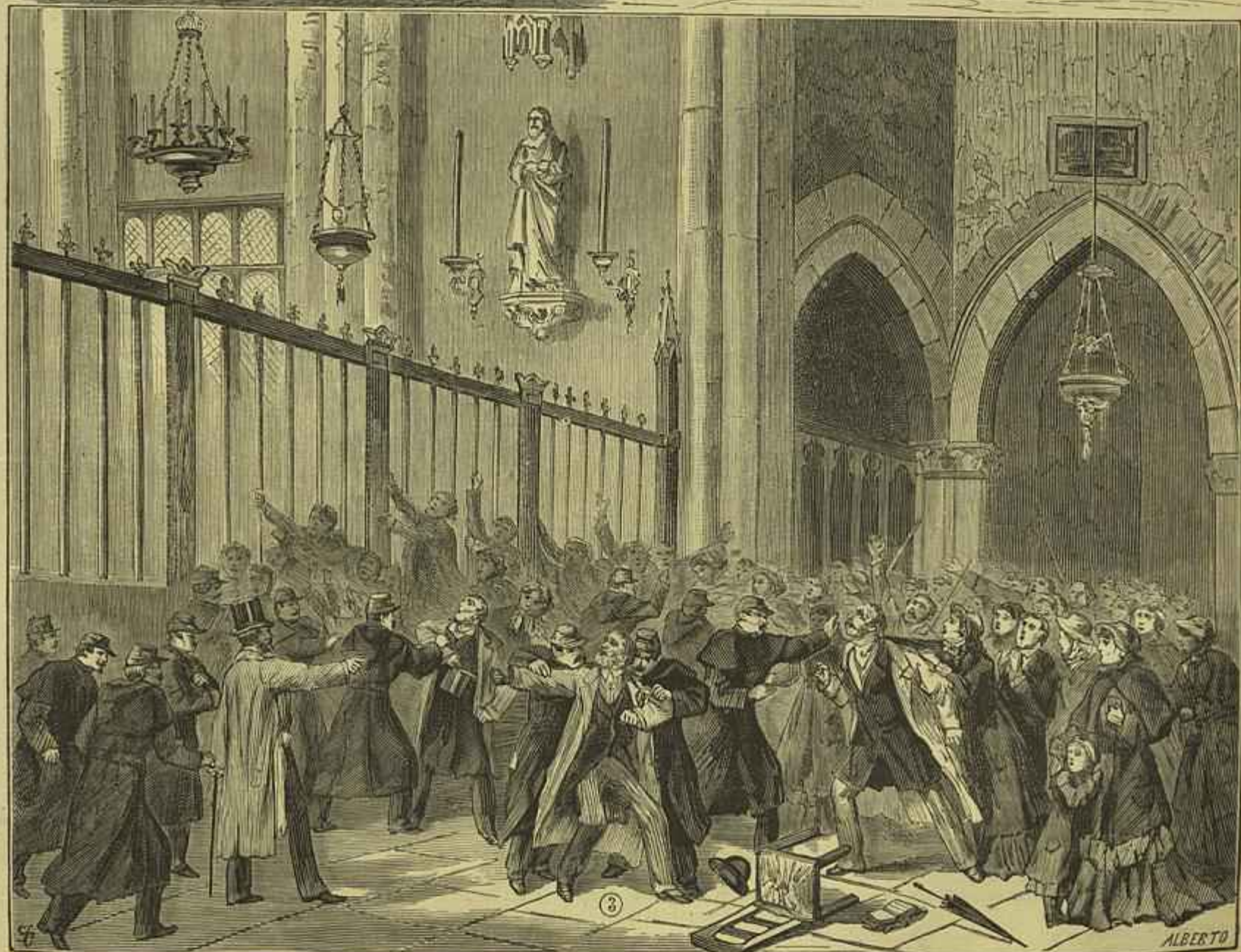
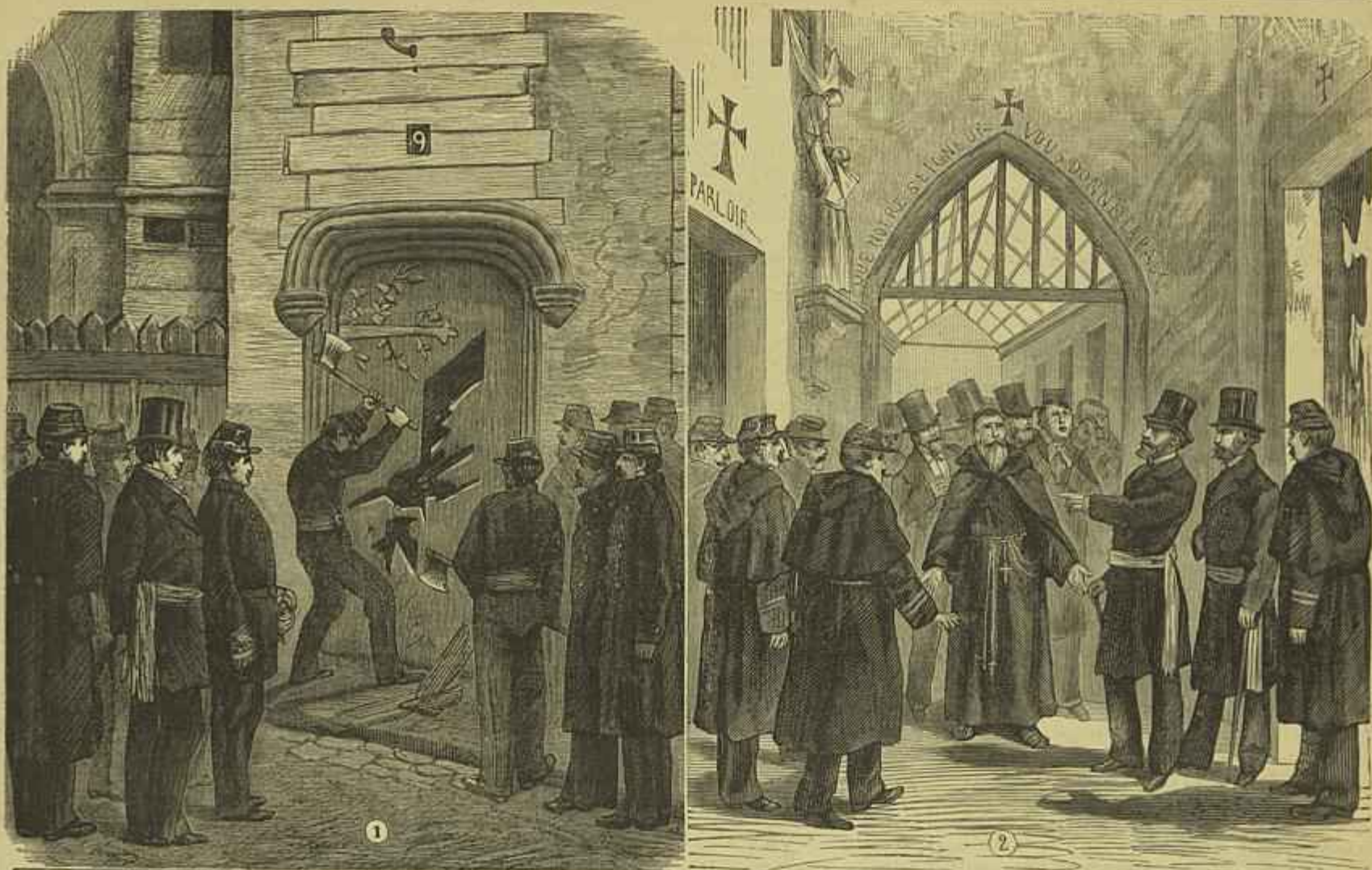
1 DE DEZEMBRO DE 1880



1820, impresso por Lallemand Fr.º e C.ª Lisboa.

MONUMENTO DE THOMAR

DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA, PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DO PORTO EM 1865 — GRAVURA DE ALBERTO



EXPULSAO DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM FRANÇA — 1 ARROMBAMENTO DA PORTA DO CONVENTO DOS DOMINICANOS — 2 PRISÃO DO SUPERIOR DO CONVENTO DOS CAPUCHINHOS — 3 EVACUAÇÃO DA CAPELLA DO CONVENTO DOS CAPUCHINHOS PELA POLICIA
 (Segundo desenhos enviados de Paris)

ALBERTO

que dirigiu depois como engenheiro da Companhia das aguas para cujo serviço passou em 1848. No entanto dirigiu em 1855 a construção da ponte do caes da alfândega. Eleito deputado pela sua patria na presente legislatura, tem tomado parte nos trabalhos da respectiva camara. Actualmente além do serviço da companhia faz parte de uma comissão nomeada em dezembro de 1879, pelo governo, para indicar o plano das obras para melhorar o regimen do Tejo e o benefeiciamento do paiz por meio de irrigações. A commenda de S. Thiago que ultimamente lhe foi conferida é um testemunho evidente de quanto são apreciados os seus talentos e reconhecidos os seus serviços.

DR. CARLOS ZEPHERINO PINTO COELHO. — Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu na cidade de Beja em 1819. Vindo pouco depois da sua formatura para Lisboa e aqui estabelecido com banca de advogado, logo se fez notar como uma das maiores esperanças do foro portuguez. A sua fama, a sua reputação foi crescendo sempre, sendo universalmente reconhecido como um dos advogados mais habéis, e uma das palavras mais fluentes da tribuna portugueza. Filiado no partido realista, e hoje, e ha muitos annos um dos personagens mais distinctos d'elle. Deputado em varias legislaturas, fez sempre, em conformidade com as suas idéas, opposição aos governos liberaes, e, com quanto não partilhasse nem por sombras as suas opiniões politicas, não podemos deixar de dizer que a sua posição nas camaras foi sempre habilmente sustentada. Organizada a primeira companhia das aguas, quando lhe pareceu que os negocios d'ella não marchavam como deviam, promoveu depois de grande luta, uma reunião dos seus pequenos accionistas, sendo este um dos maiores golpes que ella recebeu. Extincta esta, e organizada a nova companhia como dissemos ja, foi eleito como era de justiça, Pinto Coelho presidente da Direcção, cargo que tem exercido por successivas reeleições. O seu procedimento no desempenho das suas funções, a actividade que tem desenvolvido, o impulso que tem dado aos trabalhos da companhia, os recursos que o seu espirito tem encontrado para levar a cabo a sua empresa, provam que Pinto Coelho é homem do seu tempo, e que as suas idéas realistas não são mais do que um mytho, respeitavel como monumento archeologico. Coadjuvado pelos seus collegas e pelos habéis engenheiros da Companhia, o seu nome ficará eternamente ligado á canalisação do Alviella.

A Lisboa liberal ficará para todo o sempre grata ao espirito progressista do mais notavel representante do partido realista, por se ver saciada e refrigerada, de sequiosa e ardente que tantos annos fôra.

DR. JOSÉ VAZ MONTEIRO, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, de meia idade, tomou parte muito activa na organização da Companhia das Aguas, concorrendo, como abastado proprietario e capitallista, que é, com capitães proprios, e promovendo o concurso dos de sua numerosa e abastada familia. Eleito director desde a organização da Companhia, tem continuado n'este cargo por successivas reeleições. Pelas suas muitas relações e influencia, conseguiu a Companhia a conclusão facil e amigavel da maior parte das expropriações, o que foi um assignado serviço. Sempre zeloso e activo tem empregado os maiores esforços para o melhor andamento dos trabalhos da Companhia. El-Rei agraciou-o com a Commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Vieosa, mas elle pelo seu desprendimento e rigidez de princípios não aceitou esta graça.

VISCONDE DA BELLA VISTA, Rodrigo da Costa Carvalho, nasceu no Porto a 13 de novembro de 1818, (para os mais esclarecimentos pessoas e de familia v. a *Resenha das Familias titulares e Grandes de Portugal* por A. A. da Silveira Pinto) foi accionista da Companhia desde seu principio, concorrendo por esse meio para a organização d'ella, tomando á sua responsabilidade a collocação de um grande numero de acções para o preenchimento da subscrição. Sendo em 1874 supplente á Direcção da Companhia foi chamado a occupar o lugar vago pela demissão apresentada pelo sr. Thomaz da Costa Ramos. Desde então tem sido sempre reeleito para aquelle cargo, em que tem prestado os mais assíduos e revelantes serviços á Companhia já concorrendo para a sua boa administração, já subcrevendo com grande numero de acções em todas as emissões. O Visconde da Bella Vista tem o curso da Academia de Marinha e Commercio do Porto, e um caracter lano e facil, e o OCCIDENTE deve-lhe o favor de muitos esclarecimentos que com a melhor boa vontade lhe tem facultado. Os seus serviços foram reconhecidos por El-Rei que o agraciou com a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Vieosa.

VISCONDE DE ARIAGA, Joaquim Pinto de Magalhães, nasceu a 6 de junho de 1819; filho do 1.º Visconde da Ri-

leira d'Alfó (v. *Resenha das Familias titulares e Grandes de Portugal* cit.) proprietario abastado no concelho de Cintra, tem sido eleito deputado em muitas legislaturas, e o é na actual. Como accionista da Companhia das Aguas e supplente á Direcção em 1876 foi convidado a occupar o lugar de Director, vago pela demissão apresentada pelo sr. Carlos Faria de Mello. Desde então tem occupado este cargo, para o qual tem sido successivamente reeleito. — No desempenho das importantes funções que lhe incumbem tem mostrado todo o zelo, actividade, e diligencia, do que dá testemunho a sua constante reeleição e a commenda de N. Senhora da Conceição com que foi agraciado.

CON-ELHEMO ANTONIO MANUEL DA FONSECA, proprietario e capitalista na cidade de Lisboa é o mais moderno dos Directores da Companhia, sendo um dos grandes accionistas d'ella e supplente á Direcção entrou n'esta em janeiro do presente anno, em substituição do fallecido Visconde dos Olivares que á Companhia prestara os mais importantes e relevantes serviços. No pouco tempo que tem servido o seu cargo tem desenvolvido todo o zello e actividade proprios do seu caracter, mostrando quanto se interessa pela prosperidade da Companhia. Sua Magestade el-rei por occasião da inauguração do canal do Alviella agraciou-o com a Commenda da Conceição, que ajuntou á de Christo que já possuia.

J. B.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

A anthropologia e archeologia prehistorica são um estudo, ou melhor um ramo de sciencia, muito moderno. Na mais larga accepção da palavra anthropologia de certo que não, mas n'aquella que hoje se lhe liga particularmente, sim.

A relação genética da Biblia, tomada litteralmente condensava para a maior parte da humanidade ainda ha poucos annos a historia da existencia do homem.

As tradições judaicas, na verdade notabilissimas, haviam sobrepujado e como que feito esquecer as gregas e romanas, e quasi as tinham reduzido ao estado de fabulas.

Os fragmentos dispersos de trabalhos cyclopeos, as tradições da Antilia, de certos animaes desaparecidos etc., apenas aproveitados durante mais de mil annos pelos poetas, começaram desde o seculo passado a ser olhados d'outra maneira.

A geologia, a ethnographia e a linguistica, sciencias relativamente modernas foram-se locupletando, auxiliando-se mutuamente, e os descobrimentos em todos os campos d'ellas foram dando lugar a vistas novas.

Em 1833 aventava Schuerling a idéa de que a existencia do homem sobre a terra não podia ser tão recente como a davam os calculos dos theologos e chronologos antigos. Já os descobrimentos de muitos monumentos egypcios, sanscritos, e o estudo das antiguidades chinezas tinham dado origem a essa asserção.

Poucos annos depois Boucher de Perthes descobria nos depositos diluviais do valle de La Somme vestigios humanos, e fragmentos de pedra que accusavam um feito intencional, e portanto renava a existencia do homem, ou seja de um ser intelligente a um período muito anterior ao que era constatado pelas mais antigas noções da historia primitiva.

Intelligente, infatigavel, perseverante continuava os seus trabalhos cada vez mais valiosos, cada vez mais conclusivos.

Os sabios francezes, em geral, subsciveram á theoria exposta pelo seu illustre contemporaneo, alguns dos estrangeiros, notavelmente os inglezes, não só punham em duvida a exactidão das suas pesquisas, mas até chegavam a duvidar da sua boa fé. Não desistiu, continuou, persistiu, e em breve por toda a parte da Europa se encetaram pesquisas que vieram coroar de uma confirmação plena o tentamen do illustre archeologico francez.

A existencia do homem, ou ser intelligente por seculos e seculos anteriores ao mais antigo período historico ficou demonstrada. Em breve se começaram a distinguir varias cidades n'esse período prehistorico. Viu-se que houvera uma idade de pedra, isto é, a mais antiga em que os instrumentos de que o homem, ou o anthropoide se servira, eram de pedra, e dentro em pouco se reconheceram n'essa mesma, periodos distinctos (pedra lascada, pedra polida), que a esta se se-

guira uma idade do bronze, em que pela maior parte os instrumentos eram do bronze, e depois a idade do ferro.

Com isto conseguiu-se levar a antiguidade do homem ao período geologico chamado quaternario, isto é, ao período anterior ao actual, distando d'este muitos milhares de annos.

Estando já tão avançada a sciencia prehistorica, reuniu-se em 1865 em Spezia (Italia) a Sociedade Italiana das Sciencias naturaes, e na sua segunda sessão extraordinaria constituiu-se em sessão especial prehistorica, sob a presidencia do professor Giovanni Capellini, e adoptava sob proposta de G. de Mortillet a fundação de um congresso paleontologico internacional.

Formuladas as bases do congresso reuniu-se este na sua primeira sessão ordinaria em 1866 em Neuchâtel (Suissa) sob a presidencia do professor Desor, e a segunda reunião em Paris em 1866, sob a presidencia de Eduardo Lartet, membro da Sociedade Geologica de França.

Já n'esta sessão foram apresentados logo na primeira reunião por Mortillet os trabalhos feitos em Portugal relativos aos dolmens (antae) pelo sabio professor Dr. F. A. Pereira da Costa, em que não só se apresentaram documentos incontestaveis da idade de pedra em Portugal, mas alguns vestigios da idade do bronze, negada na península por alguns archeologos hespanhols (como Tablino) e que por então ainda se não julgaram sufficientes.

Esta sessão de Paris foi a que organizou e regulamentou definitivamente o congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, que depois de se ter reunido em 1868 em Norwich sob a presidencia de sir John Lubbock, em 1869 em Copenhague sob a de Worsaae, em 1871 em Bolonha sob a do Conde Gozzadini, em 1872 em Bruxellas sob a do Conde Omalius d'Halloy, em 1874 em Stokolmo sob a presidencia do Conde Hammig Hamilton, em 1876 em Buda Pesth sob a de F. de Pulszky, veio finalmente a reunir-se em Lisboa no corrente anno sob a presidencia do illustre professor João d'Andrade Corvo. No entretanto houvera uma sessão intermediaria do congresso internacional das sciencias anthropologicas por occasião da exposição de Paris em 1878.

A organização do congresso não permitto celebrar duas sessões seguidamente na mesma cidade: por isso se fez escolha de Lisboa para a 9.ª sessão, a qual teve principalmente por fim verificar os trabalhos do sr. Carlos Ribeiro, com os quaes o illustre geologo julgava haver descoberto sufficientes vestigios do homem no período terciario.

(Continúa.)

B.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

MONUMENTO DE THOMA

A gravura, com que a Empresa do OCCIDENTE hoje brinda em supplemento os seus assignantes, além de possuir uma importancia altamente significativa pelo monumento que representa, — monumento ou, para melhor dizer aggregado de monumentos interessantissimos, quer se encarem pela serie de recordações historicas que evocam, quer se analyssem e discutam pela sua feição artistica e architectonica, — encerra ainda a par de tudo isto a particularidade apreciavel de reproduzir um desenho inedito, devido ao lapis de um pobre moço que, luctando braço a braço com a adversidade, soube sempre, com inquebrantavel força de vontade, triumphar de todos os obstaculos, sujeitando-se embora a todas as amarguras, a todas as privações, a todas as provanças do infortunio, mas logrando conservar-se immaculado no caminho da honra, e á custa de trabalho, só pelo trabalho e pelo esforço perseverante do seu incançavel espirito, deixar nobremente inscripto o seu nome na historia da arte portugueza.

Quem elle foi dil-o-hemos no subsequente numero d'esta publicação, quando o OCCIDENTE abrilhantar as suas paginas com o retrato d'esse sympathico artista.

Por hoje, circumscrever-nos-hemos aos monumentos representados na estampa, — assumpto em que apenas discorreremos *à vol d'oiseau* e muito a fugir, porque, para ser minuciosamente tratado, exigiria elle um trabalho de largo folego e vastas dimensões, a que facilmente se não prestam por seus estreitos limites as columnas d'este periodico.

Os Templarios e os cavalleiros de Christo!

que de gloriosas recordações que estes dois nomes evocam!

Nos cavalleiros do Templo vemos essa millia religiosa que, depois de conquistado o Santo Sepulchro pelas enthusiasmas hostes de Godofredo, tanto serviço prestou á christandade pelejando intrepida contra os inimigos da cruz e alliando com a impavidez cavalleirosa de briosos paladinos os apertados votos da austeridade monastica.

Perdoemos-lhe, se com o andar dos tempos essa austeridade deslison do primitivo rigor e chegou mesmo por vezes a descahir no orgulho e na cubica, na ambição e na turbulencia, no fastio, no vicio enfim, esquecidas ou postergadas as severas tradições dos seus modestos primordios, corrompidas as sans pragmatikas da sua proveitosa instituição.

Se graves erros macularam a Ordem do Templo, assaz expiados foram pela crueldade requintada com que Philippe o Formoso e o papa Clemente V cevaram nos Templarios seus odios e despeitos, sua desmedida ambição de poderio, sua insaciavel sede de riquezas, já esbulhando-os de quanto haviam e possuíam, já perseguindo-os encarnicadamente como bestas feras, já finalmente supplicando-os no meio de horrosos tormentos.

Se culpados foram, repetimos, assaz expiados deixaram seus delictos, para que os posteros devam de preferencia assignalar os membros d'aquella corporação como benemeritos da humanidade pelos importantissimos serviços que prestaram.

E se verdade é (verdade é tristemente!) que a corrupção das mundanidades empanou por vezes o brillantismo d'aquella gloriosa instituição, — em Portugal (justo será tambem confessal-o) os cavalleiros do Templo constituiram sempre uma excepção honrosissima aos desvarios de seus confrades.

O nome dos Templarios figura heroicamente vinculado ás inclytas proezas com que D. Affonso Henriques e seus successores fundaram e consolidaram a monarchia portugueza.

De braço constantemente erguido contra a mourisma, intrepidos e valentes os vamos encontrar sempre que um desesperado esforço se torna indispensavel para rechazar as hostes agrenas.

Sirvam de exemplo a victoria de Ourique, a tomada de Santarem e a conquista de Lisboa, sem fallar n'outras façanhas, que seria longo enumerar.

O proprio castello de Thomar nos traz á memoria a impavidez com que um simples troço d'aquelles bravos cavalleiros soube em 1199 sustentar a furia dos sarracenos, quando o rei de Marrocos Yusuf Abu Yacub despejou sobre o nosso territorio o melhor do seu exercito buscando n'um supremo arranço reconquistar pessoalmente para os filhos de Agar os perdidos dominios.

É digno, pois, de louvor o bom senso pratico e o finissimo acerto com que el-rei D. Diniz procedeu quando, extinta em 1312 a Ordem dos Templarios para todo o orbe, por decisão tomada no concilio de Vienna, soube de encontro ás ambiciosas pretensões da Santa Sé fazer valer as preeminencias que os reis de Portugal haviam sobre os cavalleiros do Templo, conseguindo assim que os bens d'estes entrassem na corôa como deposito, em vez de se tornarem presa da cubica pontificia.

D. Diniz, obedecendo ás prescrições do chefe da christandade, mandou fechar as casas da Ordem e sair d'ellas os Templarios; — mas nenhum acto de hostilidade ou perseguição exerceu contra elles, antes tratou de os pôr a salvo e de lhes arrecadar seus bens, como revertiveis á corôa, ruminando lá no intimo o secreto plano de por outra fórma lhos restituir.

Debalde Clemente V ejaculou as suas asperas censuras contra o monarcha, por tão benevolo haver sido para com os cavalleiros da extinta Ordem; debalde encaminhou elle as coisas para tornar effectivas as suas injustas exigencias de expoliação.

Debalde João XXII, successor de Clemente, arvorou novas pretensões á opulentissima he-

rança dos Templarios portuguezes, chegando inclusivamente a fazer doação da villa e do castello de Thomar ao cardeal Bertrando.

D. Diniz foi sempre mansamente protestando contra similhantes usurpações das prerogativas regias; foi sempre diplomaticamente illudindo a questão e resistindo.

E, quando percebeu chegada a sazão de realisar a sua idéa reservada, tratou de a aventar a publico francamente e sem reboço: — era nem mais nem menos, que fundar uma nova ordem de cavallaria, que intitulava Ordem de Christo, e na qual se daria ingresso aos antigos cavalleiros do Templo, restituindo-lhes as terras que d'antes possuíam e rendimentos que cobravam.

Expedida em 1319 a bulla pontificia que institua a nova ordem, foi no Castello de Castro-Marin que os cavalleiros de Christo fixaram primeiro sua residencia.

Mais tarde, em tempo d'el-rei D. Fernando, como se em tudo devessem representar as tradições dos antigos cavalleiros do Templo, transferiram-nos para Thomar, onde se conservaram d'ahi por diante.

Verdadeiros continuadores dos Templarios, até na cruz vermelha que lhes esmaltava o habito branco, — incumbia-lhes em seus estatutos a defeza da fé christã, a guerra contra os mouros, e o auxilio de seus braços em tudo quanto podesse concorrer para o engrandecimento da monarchia.

E de quanto eram capazes os novos cavalleiros, de quanto haviam merecido a especial consideração e deferencia com que os tratara e protegera grato e reconhecido o espirito de el-rei D. Diniz, logo elles no reinado seguinte deram cabal demonstração batendo-se como leões á ilharga de D. Affonso IV na celebre batalha do Salado e concorrendo poderosamente pela sua intrepidez para o brillante exito d'aquella monumental victoria.

Nem somenos deve o nosso pasmo ser e a nossa admiração perante os gloriosos feitos em que a milicia dos cavalleiros de Christo successivamente se distinguiu, já combatendo valerosa nos campos de Aljubarrota contra as hostes castelhanas, já praticando prodigios de heroicidade na conquista de Ceuta em 1415.

(Continua)

XAVIER DA CUNHA.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continua)

Como exemplo da extraordinaria sagacidade e intelligencia de um cavallo acostumado a trabalhar entre o gado, contou-me Cobo o seguinte facto, que, pouco tempo antes, presenciara em um matadero na extremidade S. da cidade de Buenos Aires.

— Un toro de una fuerza y tamaño poco comunes, se habia escapado de uno de los corrales; fué perseguido como de costumbre por los enlazadores á los que atacaba, hibrándose de los lazos; se enfureció, y cargando aquí, cargando allí con estrema velocidad, logró que ninguno pudiera enlazarlo; desmontó á dos de los hombres, destripando á un caballo e hiriendo al ginete; hirió otro caballo en la pierna, y por fin arrojó á sus antagonistas derrotados del terreno. Hubo un momento de suspension, en que parecia que nadie estaba dispuesto á medir sus fuerzas con él, cuando de lo lejos del matadero se vió á un anciano aproximarse cautelosamente, en un caballo rosillo, algo flaco, y al parecer viejo; entonces se oyó un grito de entre los enlazadores derrotados para aconsejar al anciano y decidirlo á volverse, evitando lo que, al parecer, era una muerte segura; pero el anciano no prestó atención, y aprovechándose de la distraccion del toro que escuchaba los gritos de enfrente, apuntó su caballo á la carrera, contra los costados del furioso animal, que, con la

pechada, tambaleó, é inmediatamente despues lo cargó. El anciano diestramente evitó el golpe, le arrojó el lazo sobre los cuernos, y en el mismo momento sacó un *pellon* de su recado, lo ajiló delante del toro, y lo arrojó hácia adelante. En el mismo instante se deslizó fuera de su montura sin que la bestia lo advertiera, cuya atencion estaba absorta por el *pellon*, y el caballo echó á correr, persiguiéndolo el toro. No teniendo ya peso encima el caballo, corria y daba vueltas con gran rapidez, hasta que consiguió estirar el lazo, y continuó trabajando al toro, hasta que finalmente lo volteó, y entonces conservando el lazo estirado, moviéndose al menor esfuerzo del mujiente animal, le impidió levantarse, hasta que el anciano, aproxímandose á pié, le dió el golpe mortal.

— El gaucha es un tipo extraordinario; concluire Balleto. Su alimento es el *axado*, con ó sin sal, y sus vicios son el mate (*té del Paraguay*), chupado por un tubo (*bombilla*) de una calabaza (*mate*), y los cigarillos.

Disse que já nos achavamos no caminho do Cuero, e que a passo cauteloso seguíamos a grande *rastrillada*.

Esta ultima palavra carece de uma pequena explicação tanto para portuguezes como para hespanhoes.

Na *jerga* argentina, uma *rastrillada* são os sulcos paralelos e tortuosos que os indios, com as suas constantes idas e vindas, teem deixado nos campos. Estes sulcos, similhantes ao rego que um carro faz a primeira vez que passa por um terreno virgem, costumam ser profundos e constituem um verdadeiro caminho largo e solido.

Ora, em plena Pampa, não ha outros caminhos. Afastar-nos d'elles um palmo, sair da senda, é muitas vezes um perigo real; porque não é difficil que ali mesmo, no lado da *rastrillada*, haja um *quada!* onde se enterrem, completamente, cavallo e cavalleiro.

Guadal chama-se a um terreno brando e movediço, que, não tendo sido pisado frequentemente, não se ponde solidificar. É uma palavra que não figura no dicionario da lingua castelhana, e que os hespanhoes do Novo Mundo dizem haver herdado dos seus antepassados, que a tomaram do arabe, onde, segundo elles ainda, significa *rio ou agua*.

N'esta ultima parte, parece-me que os meus amigos argentinos estão enganados. Que a palavra *vecha* do arabe, de accordo; mas que seja arabe *puro*, como elles querem, e signifique *rio ou agua*, isso é que não pôde ser, tenham paciencia. Agua, em arabe, é *má*, e rio, *wad*, *wady*. O que se nos afigura mais provavel é que seja uma corrupção de *guetah*, chareo.

A Pampa está cheia d'esta especie de obstaculos.

— Cuantas veces, observou o commandante da força, en una operacion militar, yendo en persecucion de los indios, una columna entera no ha desaparecido en medio del impetu de la carrera! Cuantas veces un trecho de pocas varas ha sido causa de que jefes muy intrépidos se viesen burlados por el enemigo, en esas Pampas sin flu!

— Y cuantas veces, compañeros, tornou elle, depois de alguns momentos de silencio, los

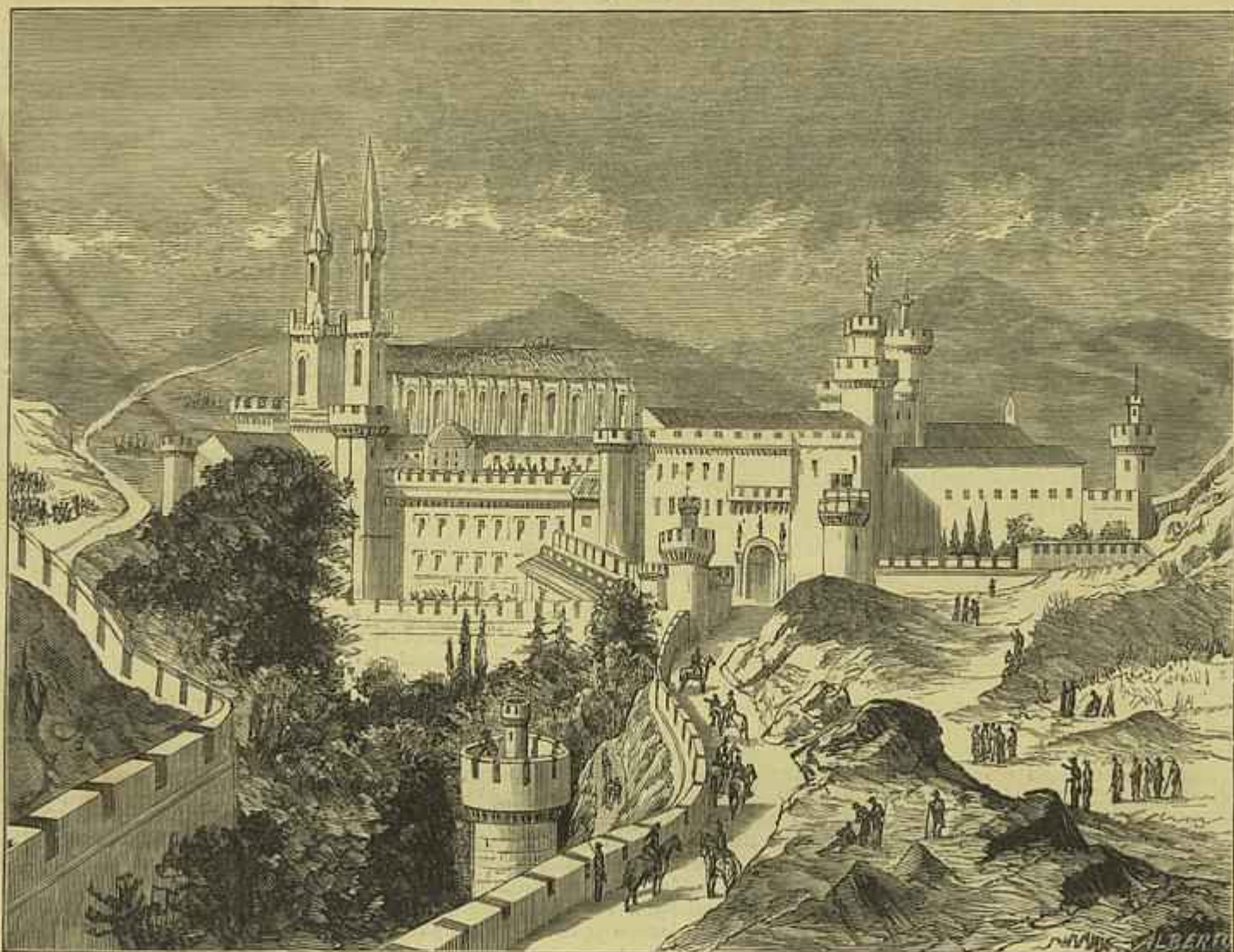
ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Tarde é o que nunca chega.

EXPULSAO DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS EM FRANÇA



O CONVENTO DOS PRÉMONTRÉS DE S. MIGUEL DE FRIGOLET CERCADO PELAS TROPAS FRANCEZAS (segundo um desenho enviado de Paris)

mismos indios no han perecido bajo el filo del sable de nuestros valientes soldados fronterizos, por haber caido en un guadal!

As Pampas são tão vastas, que os homens mais conhecedores dos campos perdem-se ás vezes n'ellas.

— El caballo de los Indios es una especialidad en las Pampas. Corre por campos guadalosos, cayendo y levantando, y resiste á esa fatiga hercúlea asombrosamente, como que está educado al efecto y acostumbrado a ella.

O guadal ou é húmido ou secco; e é preciso que a vista esteja muito acostumada para conhecer o terreno guadaloso. O pasto umas vezes, outras a côr da terra são indícios seguros. Quasi sempre o guadal é uma emboscada para indios e christãos. Os cavallos que entram n'elle, quando não estão acostumados, deligenciam um instante sair, e o esforço que fazem é tão grande, que nos dias mais frios não tardam em cobrir-se de suor e cair de prostrados, sem que haja espora nem chicote que os faça levantar. E chegam a acobardar-se tanto que ás vezes não ha nada que os obrigue a dar um passo adiante quando pisam a borda movediça do terreno. E comtudo, de todos os quadrupedes destinados ao serviço do homem, é o mais valente. Picado com as esporas, parte como o raio e salva o maior precipicio.

Quão differente é a mula. Nunca perde o sangue frio. Quer vá pelos caminhos pampeanos, quer pelas vertiginosas ladeiras da Cordilheira, é sempre cauteloso o



OS NOVOS UNIFORMES DO REGIMENTO DE INFANTERIA DO ULTRAMAR

hybrido animal. O cavallo lança-se como o raio; a mula, tencea antes de ir adiante. Põe uma mão, depois outra, e é tão precavida, que onde poz estas, põe as patas. Quando ha perigo é inutil advertil-a; a nada obedece, nem á redea, nem ao chicote, nem á espora. Só a move o instincto de conservação. Escusado é pretender dirigil-a. Vae por onde quer. Morrerá despenhada; não cegamente como o cavallo, mas por se ter enganado.

— Mas isto assim é andar por brazas, disse eu a Behety.

— No hay cuidado, medoso europeo, acudiu Cobo: los campos estan secos.

— E se estivessem cobertos de agua?

— Entonces seria necesario seguir rectamente la direccion de la *rastrillada*; porque, reblandecida la tierra por la humedad, el peligro del guadal es inminente a cada paso.

Um grito angustioso resou á nossa direita.

Era de Behety, que se achava enterrado n'um guadal até aos joelhos.

(Continua) FRANCISCO D'ALMEIDA.

ERRATAS NOTAVEIS

Pag. 179, col. 1.ª, linha 60, onde se lê: *estjr*, lê-se: *stj*.

Pag. 183, col. 3.ª, linha 45, onde se lê: *nascou em Liboa*, lê-se: *nascou em Elvos*.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LINDA 6, Rua do Thesouro Velho, 6.